

EDGAR ALLAN POE

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS

Seleção, apresentação e tradução
José Paulo Paes

10ª reimpressão



COMPANHIA DE BOLSO

O ESCARAVELHO DE OURO

*What ho! what ho! this fellow is dancing mad!
He hath been bitten by the Tarantula.*

All in the Wrong*

HÁ ANOS MANTIVE RELAÇÕES COM UM SENHOR chamado William Legrand. Era de uma antiga família protestante e fora muito rico, porém uma série de infortúnios o levara à miséria. Para evitar a humilhação consequente a seus desastres, deixou Nova Orleans, a cidade de seus antepassados, indo residir na ilha de Sullivan, próximo de Charleston, na Carolina do Sul.

Essa ilha é das mais singulares. Constituída de pouco mais do que areia do mar, tem quase cinco quilômetros de comprimento. Sua largura nunca chega a mais de quatrocentos metros. A separá-la do continente, tem apenas uma angra quase imperceptível, que se insinua através de moitas, caniços e lodo, recanto muito procurado pelas galinhas-d'água. A vegetação, como logo se percebe, é pobre, ou melhor, raquítica. Árvores de verdade não há. Na extremidade ocidental, no ponto onde se erguem o forte Moultrie e alguns miseráveis edifícios de madeira, habitados no verão por gente que foge da poeira e das febres de Charleston, veem-se, é verdade, palmeiras anãs; mas toda a ilha, com exceção desse trecho ocidental e de uma faixa branca e desolada que bordeja o mar, está coberta de espessas brenhas de murta odorífera, tão apreciada pelos horticultores ingleses. O arbusto atinge às vezes uma altura de quatro a seis metros, formando um bosque intrincado, quase impenetrável, e impregnando a atmosfera com sua fragrância.

Na parte mais profunda desse bosque, não longe da extremidade, isto é, da porção mais remota da ilha, Legrand cons-

* Vejam! Vejam! Esse rapaz está dançando feito louco! Ele foi mordido pela Tarântula. (Tudo às avessas.) (N. E.)

truiu uma cabana, onde morava quando, por acaso, travamos conhecimento. Esse simples conhecimento transformou-se logo em amizade — porque ele sabia, em sua reclusão, provocar interesse e estima. Verifiquei que meu amigo recebera sólida educação, servida por faculdades espirituais pouco comuns; mas tinha o entusiasmo abafado pela misantropia e vivia sujeito à infeliz alternância entre vivacidade e melancolia. Embora possuísse em casa muitos livros, raramente os abria. Seus principais divertimentos eram caçar e pescar, ou passear pelas praias, através das murtas, em busca de conchas e de exemplares entomológicos — sua coleção destes últimos poderia fazer inveja a um Swammerdamm. Nessas excursões, era sempre acompanhado por um velho negro chamado Júpiter, que fora alforriado antes dos desastres financeiros da família, mas jamais pudera ser induzido, nem por ameaças nem por promessas, a abandonar seu jovem “sinhô Will”. Achava que tinha o direito de segui-lo por toda parte. Não é improvável que os parentes de Legrand, julgando-o um tanto maluco, estimassem que o negro persistisse em seu propósito, pois Júpiter seria uma espécie de guardião a vigiar o fugitivo.

Na latitude da ilha de Sullivan, raramente os invernos são rigorosos; é um acontecimento invulgar quando, no fim do ano, o fogo se torna indispensável. Todavia, em meados de outubro de 18..., houve um dia em que o frio se tornou insuportável. Justamente ao pôr do sol, eu seguia por um caminho através das murtas para a cabana de meu amigo, que já não via fazia algumas semanas. Residia, então, em Charleston, a uma distância de pouco mais de catorze quilômetros, e as facilidades para ir e voltar eram menores do que hoje em dia. Chegando à cabana, bati, conforme era meu hábito, e, não obtendo resposta, procurei a chave no lugar onde sabia estar escondida. Abri a porta e entrei. Tive uma surpresa e, com certeza, das mais agradáveis. Um belo fogo crepitava na lareira. Despi o paletó, empurrei a cadeira para junto do fogo e esperei pacientemente pelos donos da casa.

Logo depois de cair a noite, eles chegaram e acolheram-me com toda a cordialidade. Júpiter, escancarando a boca em sorris-

sos, apressou-se em preparar algumas marrecas para o jantar. Legrand estava numa de suas "crises" de entusiasmo — e que outro nome poderia dar a elas? Encontrara um bivalve desconhecido, constituindo um gênero novo, e mais: apanhara, com o auxílio de Júpiter, um escaravelho que julgava também absolutamente novo, a respeito do qual queria ouvir minha opinião na manhã seguinte.

— E por que não hoje à noite? — perguntei, esfregando as mãos diante do fogo, e mandando mentalmente ao diabo todas as raças de escaravêlhos.

— Ah, se soubesse que você estava aqui! — disse Legrand. — Mas fazia muito tempo que não o via! E como poderia adivinhar que viria visitar-me hoje à noite? Ao voltar para casa, encontrei no caminho o tenente G..., lá do forte, e, perturbado com meu achado, emprestei-lhe o escaravelho. Assim, não posso mostrá-lo a você senão amanhã. Fique aqui esta noite, e, ao nascer do sol, mandarei Júpiter buscá-lo. É uma das coisas mais maravilhosas da natureza!

— O quê? O nascer do sol?

— Não, com os diabos! Refiro-me ao escaravelho. É de uma cor de ouro brilhante, grande, quase do tamanho de uma noz das maiores, com duas manchas negras como azeviche numa extremidade do dorso, e mais uma, um pouco maior, na outra. As antenas são...

— De ouro, "sinhozinho" Will! — interrompeu Júpiter. — O escaravelho é todo de ouro; maciço, todo ele, por dentro e por fora, exceto as asas. Nunca vi na minha vida um escaravelho tão pesado!

— Bem, imagino que sim, Jup — replicou Legrand com vivacidade, com demasiada vivacidade talvez —, mas isso não é motivo para deixar queimar as marrecas! A cor do inseto — Legrand voltou-se para mim — parece, de fato, corroborar a ideia de Júpiter. Você de certo nunca viu um brilho metálico tão vivo como o daqueles élitros, mas, na verdade, só poderá dizê-lo amanhã. Enquanto isso, vou dar-lhe uma ideia da forma dele.

E, assim falando, Legrand sentou-se junto a uma mesinha onde havia pena e tinta, mas nenhuma folha de papel. Procurou numa gaveta, mas nada encontrou.

— Não importa — disse ele. — Isto bastará...

E tirou do bolso do paletó uma coisa que me pareceu um antigo pedaço de papel muito sujo, sobre o qual se pôs a desenhar uma espécie de croqui com a pena. Durante esse tempo, mantinha-me junto ao fogo, porque sentia frio. Quando ele terminou o desenho, passou-o às minhas mãos sem se levantar. Nesse instante, ouviu-se um forte grunhido, seguido de arranhões do lado de fora da porta. Júpiter abriu-a, e um enorme cão terra-nova pertencente a Legrand precipitou-se pelo aposento e saltou sobre mim, enchendo-me de festas, porque eu sempre o agradava cada vez que visitava o dono. Terminadas as demonstrações de alegria, olhei para o papel e, para dizer a verdade, fiquei seriamente intrigado com o desenho.

— Sim — disse eu, depois de contemplá-lo por alguns minutos —, é um escaravelho estranho, confesso. É novo para mim; nunca vi nada parecido, a menos que isto seja um crânio ou uma caveira, com que tanto se assemelha!

— Uma caveira! — repetiu Legrand. — Ah, sim, o desenho lembra uma, sem dúvida. As duas manchas negras superiores parecem os olhos, e a maior, embaixo, lembra uma boca, não é? Além disso, a forma do todo é oval.

— Pode ser — repliquei. — Mas creio, Legrand, que você não é bom desenhista. Esperarei até ver o próprio bicho para poder fazer uma ideia justa.

— Ora, não sei bem... — disse ele, um pouco magoado. — Desenho razoavelmente, ou pelo menos deveria fazê-lo, porque tive bons professores, e não sou propriamente uma besta...

— Mas, então, meu caro — respondi —, você está gracejando comigo. Isto é um *crânio* bem desenhado; diria mesmo que é um crânio *perfeito*, de acordo com todos os preceitos da osteologia, e seu escaravelho será o mais singular de todos os escaravêlhos do mundo, caso se pareça com isto! Poderíamos mesmo formar sobre o caso surpreendente superstição! Presumo que

denominará seu inseto *scarabeus caput hominis*, ou coisa parecida. Nos livros de história natural, há muitas denominações desse gênero. Mas onde estão as antenas de que você falou?

— As antenas! — exclamou Legrand, que parecia inexplicavelmente exaltado. — Na certa, você as está vendo bem aí na sua frente. Eu as desenhei tal como figuram no inseto original, e presumo que estejam bem visíveis.

— Bem, bem, — respondi —, talvez você as tenha desenhado. Mas a verdade é que não as vejo!

E estendi-lhe o papel, sem acrescentar mais nenhuma crítica, porém muito perturbado com a feição que o caso estava tomando. Intrigava-me seu mau humor e, quanto ao desenho do inseto, com certeza *não havia* nele antenas visíveis; o conjunto lembrava fielmente uma caveira vulgar.

Legrand pegou o papel com ar aborrecido e estava a ponto de amassá-lo e lançá-lo ao fogo, quando seu olhar caiu, por acaso, no desenho, e toda sua atenção fixou-se nele. Por um instante, seu rosto tomou uma intensa coloração vermelha; depois, demasiado pálida. Durante alguns minutos, sem nem se mexer, ele continuou a examinar o desenho minuciosamente. Então, levantou-se, tomou um candeeiro da mesa e foi sentar-se numa caixa no outro canto do aposento. Aí, recomeçou a examinar curiosamente o papel, voltando-o em todas as direções. Contudo, não dizia nada, e seu procedimento causava-me extrema perturbação. De todo modo, julguei prudente não exasperá-lo com nenhum comentário, em vista de seu crescente mau humor. Afinal, tirou do bolso uma carteira, meteu nela o desenho e guardou-a com muito cuidado numa escrivinha, que fechou a chave. Depois disso, voltou a seus modos calmos, e o entusiasmo desaparecera por completo. Seu aspecto traduzia mais concentração do que amuo. À medida que a noite avançava, mais ele se deixava absorver por sua cisma, e não pude arrancá-lo dela de modo nenhum. De início, eu tivera a intenção de passar a noite na cabana, como já o fizera mais de uma vez; contudo, dado o seu mau humor, julguei conveniente partir. Legrand não fez nenhum esforço para deter-me: mas,

quando ia saindo, apertou-me a mão com cordialidade maior do que a de hábito.

Mais ou menos um mês depois (e durante esse intervalo não ouvi falar dele), recebi em Charleston uma visita de Júpiter. Jamais vira o velho negro tão abatido, e receei que houvesse sucedido a meu amigo alguma desgraça.

— Bem, Júpiter, o que há de novo? Como vai o seu senhor?

— Para dizer a verdade, “sinhô”, ele não vai tão bem quanto deveria ir...

— É mesmo? Lamento ouvir essa notícia. Mas do que se queixa ele?

— Ah, eis a questão! Não se queixa de nada, mas sei que está bem doente.

— Bem doente, Júpiter? E por que você não diz logo tudo de uma vez? Está de cama?

— Não, não está de cama! Não se queixa de nada, e é isso mesmo que me dói. Estou muito aflito com o estado do meu pobre “sinhô” Will.

— Júpiter, não entendo nada do que você está dizendo. Seu senhor está doente; mas o que tem ele? Ele não disse o que sente?

— Oh, “sinhô”, é inútil quebrar a cabeça com isso. “Sinhô” Will diz que não tem nada, absolutamente nada. Mas, então, por que anda sempre pensativo, de cabeça baixa, ombro caído e pálido como um fantasma? E por que vive sempre a mexer com um mundo de letras?

— Com letras, Júpiter?

— Vive a escrever letras e sinais numa lousa. Sinais esquisitos, como nunca vi. Estou começando a ficar com medo. É preciso que eu esteja sempre a vigiá-lo. Outro dia, ele me escapou antes de o sol nascer e passou o dia inteiro fora. Cortei um bom pedaço de pau para castigá-lo como o diabo quando ele voltasse. Mas, sou uma besta, e não tive coragem. O aspecto dele era tão infeliz!

— Ahn? Ah, sim, fez bem. Afinal, você precisa ser indulgente para com o pobre rapaz. Não é preciso bater-lhe, Júpiter. Tal-

vez ele não esteja em condições de suportar isso. Mas você não faz ideia da origem dessa doença ou da mudança de conduta? Ele terá recebido alguma má notícia desde a última vez que estive na cabana?

— Não, “sinhô”, não aconteceu nada “desde” então. Aconteceu, sim, “antes” disso. Tenho medo... Foi no dia que o “sinhô” esteve lá.

— Como assim? O que você quer dizer?

— O escaravelho, “sinhô”! Pronto, falei.

— O que tem ele?

— Tenho certeza de que “sinhô” Will foi mordido na cabeça pelo escaravelho de ouro.

— E que motivos você tem para fazer essa suposição?

— Ele tem ferrão, “sinhô”, e tem boca também. Nunca vi um escaravelho tão endiabrado. Segura e morde quem dele se aproxima. Foi ao pegá-lo que “sinhô” Will foi mordido, sem dúvida. Eu me lembro da rapidez com que tornou a largá-lo. A cara do bicho não me agradou, desde o primeiro momento. Por isso, nem quis pegá-lo com meus dedos; peguei-o com um pedaço de papel que encontrei. Embrulhei-o com uma parte do papel e tapei a boca do bicho com o resto. Foi assim que peguei nele.

— E acha, então, que seu senhor foi mesmo mordido pelo escaravelho, e que essa mordida o pôs doente?

— Eu não acho, eu sei. Por que, então, ele vive sonhando com ouro, se não foi a mordida? Já ouvi falar desses escaravelhos de ouro antes.

— Mas como você sabe que ele sonha com ouro?

— Como sei? Porque ele fala nisso, mesmo dormindo. É por isso que eu sei!

— Está bem, Júpiter, talvez você tenha razão. Mas a que feliz acaso eu devo a honra de receber sua visita hoje?

— Que quer dizer, “sinhô”?

— Trouxe algum recado de Legrand?

— Não, “sinhô”, trouxe isto aqui — e dizendo isso, Júpiter entregou-me a seguinte nota:

“Meu caro,

Por que não o vejo há tanto tempo? Espero que você não tenha sido tolo a ponto de se ofender com alguma grosseria de minha parte. Mas, não: isso é improvável.

Desde a última vez que nos vimos, ando possuído de grande inquietação. Tenho algumas coisas para dizer-lhe, mas mal sei como dizê-las, ou mesmo se devo dizê-las.

Não me sinto muito bem já há alguns dias, e o pobre velho Júpiter aborrece-me insuportavelmente com todos os seus cuidados e atenções. Pode você crer nisso? Outro dia, ele preparou um grosso pedaço de pau para me bater por eu ter escapado o dia todo sozinho, entre as colinas, no continente. Creio que foi meu mau aspecto que me salvou das cacetadas.

Nada acrescentei a minha coleção depois que nos vimos.

Venha com Júpiter, se puder, e se não achar inconveniente. *Venha* sem falta! Desejo vê-lo *hoje à noite* para um caso grave! Asseguro-lhe que é da mais *alta* importância.

Sempre seu,
William Legrand”

Havia no tom dessa carta algo que me causou forte inquietação. O estilo era absolutamente diferente do estilo habitual de Legrand. Em que diabo pensava ele? Que nova fantasia tomara conta de seu cérebro? Que caso de tão alta importância seria esse? A narrativa de Júpiter não pressagiava nada de bom, e eu receava que o contínuo infortúnio tivesse perturbado a razão de meu amigo. Sem hesitar um instante, preparei-me para partir com o negro.

Chegando ao cais, notei uma foice e três picaretas, todas novas, no fundo do bote em que íamos embarcar.

— Que significa isso, Júpiter? — perguntei.

— Isso é uma foice, “sinhô”, e três picaretas.

— Bem o vejo. Mas por que estão aqui?

— “Sinhô” Will disse-me para comprar isso na cidade, e paguei-as bem caro. Custou-nos um dinheiro dos diabos!

— Mas, em nome de tudo que é misterioso, o que seu “sinhô” vai fazer com uma foice e estas picaretas?

— Isso *eu* não sei. E nem ele sabe. Que o diabo me carregue se não estou convencido disso. Mas tudo é obra do escaravelho!

Vendo que não conseguiria obter nenhum esclarecimento de Júpiter, cujo pensamento parecia absorvido pelo escaravelho, entrei no bote e abri as velas. Uma boa e forte brisa nos levou bem depressa à pequena enseada ao norte do forte Moultrie; e, após uma caminhada de cerca de três quilômetros, chegávamos à cabana. Eram quase três horas da tarde. Legrand esperava-nos com viva impaciência. Apertou-me a mão com uma *pressão* nervosa que me alarmou e aumentou minhas suspeitas. Seu rosto apresentava uma palidez de espectro, e os olhos, escavados de natureza, tinham um brilho sobrenatural. Depois de algumas perguntas sobre sua saúde, não achando nada para dizer, perguntei-lhe se o tenente G... lhe devolvera, afinal, o escaravelho.

— Oh, sim — replicou ele, enrubescendo violentamente. — Logo na manhã seguinte... Por nada no mundo me separaria desse escaravelho. Sabe que Júpiter tinha razão no que disse?

— No quê? — perguntei, com triste pressentimento no coração.

— Que era um escaravelho de *ouro verdadeiro*! — disse Legrand com profunda seriedade, o que me causou um choque indizível. — Este escaravelho está destinado a fazer a minha fortuna — continuou com um sorriso de triunfo. — A reintegrar-me nas posses de minha família. É, pois, estranho que eu o tenha em tão alto apreço? Já que a Fortuna quer favorecer-me com ele, não me resta senão empregá-lo convenientemente para chegar ao ouro do qual ele é indício. Júpiter, traga-me o escaravelho!

— O quê? O escaravelho, “sinhô”? Prefiro não me meter com ele. O senhor vai precisar ir buscá-lo.

Legrand, então, levantou-se com ar grave e imponente e trouxe-me o inseto num globo de vidro onde o guardava. Era um soberbo escaravelho, desconhecido nessa época pelos naturalistas e que devia ter grande valor do ponto de vista científico.

Tinha em uma das extremidades do dorso duas manchas negras e redondas, além de outra, de forma alongada. Os élitros eram excessivamente duros e lustrosos, e de fato apresentavam aparência de ouro polido. Sendo o inseto invulgarmente pesado, eu não podia me admirar da opinião de Júpiter. Mas que Legrand concordasse com ela era impossível compreender, e eu não encontrava uma solução para esse enigma.

— Mandei buscar você — disse ele em tom solene, quando terminei de examinar o inseto —, mandei buscá-lo para pedir-lhe conselho e assistência no cumprimento do que sugerem o Destino e o escaravelho.

— Meu caro Legrand — exclamei, interrompendo-o —, você com certeza não está bem, e seria melhor tomar algumas precauções. Vá para o leito. Ficarei aqui alguns dias, até que você se restabeleça. Está com febre e...

— Veja meu pulso — replicou ele.

Tomei-lhe o pulso e, para dizer a verdade, não encontrei o menor sinal de febre.

— Mas bem pode estar doente sem ter febre. Permita-me, somente desta vez, ser o seu médico. Antes de tudo, vá para a cama. Depois...

— Você se engana — interrompeu-me ele. — Estou tão bem quanto o permite meu estado de excitação. Se quer mesmo me fazer bem, procure abrandar esta excitação.

— E o que é preciso para tanto?

— É muito fácil. Júpiter e eu vamos partir para uma expedição nas colinas, no continente, e precisamos de auxílio de uma pessoa de toda confiança. Você é essa pessoa. Quer a nossa expedição fracasse ou triunfe, depois dela estarei livre desta excitação.

— Terei o maior prazer em servi-lo em qualquer coisa — repliquei. — Mas, diga-me, por favor, se esse infernal escaravelho tem qualquer relação com a expedição às colinas?

— Sim, decerto.

— Então, Legrand, é-me impossível cooperar numa empreitada tão claramente absurda.

— Eu lamento muito, muitíssimo mesmo, porque, assim sendo, teremos de fazê-lo só nós dois.

— Só vocês dois? Ah, você com certeza enlouqueceu! Mas, espere: quanto tempo durará sua ausência?

— Provavelmente, a noite toda. Vamos partir imediatamente e, em todo caso, estaremos de volta ao nascer do sol.

— E me promete, sob palavra de honra, que, passado esse capricho do escaravelho... Deus meu!... que satisfeita essa sua curiosidade, você voltará para a cabana e seguirá exatamente as minhas prescrições, como as de seu médico?

— Sim, prometo. E agora partamos, porque não temos tempo a perder.

Muito apreensivo, acompanhei meu amigo. Às quatro horas nos pusemos em marcha, Legrand, Júpiter, o cão e eu. Júpiter carregava a foice e as picaretas; insistia em fazê-lo sozinho, mais por medo, parecia-me, de deixar qualquer das ferramentas ao alcance de seu senhor do que por excesso de empenho ou complacência. Além disso, estava com um mau humor horrível, razão pela qual “escaravelho do diabo!” foi só o que se ouviu dele durante toda a viagem. Quanto a mim, carregava duas lanternas. Legrand contentava-se com o escaravelho, que levava pendurado num cordão, fazendo-o voltar em torno de sua pessoa com ares de mágico. Observando esse supremo sintoma de demência de meu amigo, mal podia conter as lágrimas. Pensei que seria melhor participar da sua fantasia no momento, para, depois, poder tomar providências enérgicas. Todavia, sondava, ainda que em vão, o propósito daquela jornada. Como ele já havia conseguido que eu o acompanhasse, parecia pouco disposto a discutir questões de menor importância. A todas as minhas perguntas, só sabia responder: “Veremos!”.

Atravessamos num botezinho a angra da ponta da ilha e subimos pelos barrancos da margem oposta, dirigindo-nos para noroeste através de uma região horrivelmente selvagem e desolada, onde era impossível descobrir traços de pés humanos. Legrand seguia seu roteiro com decisão, parando apenas de tem-

pos em tempos para consultar certas indicações que parecia já ter verificado anteriormente.

Marchamos assim duas horas mais ou menos, e o sol já ia se deitando quando penetramos numa região infinitamente mais sinistra do que todas as que tínhamos visto até então. Era uma espécie de chapada, perto do cimo de uma montanha horrivelmente escarpada, coberta de árvores da raiz ao ápice e cheia de enormes blocos de pedra que pareciam jazer frouxamente no chão, muitos deles apoiados no tronco das árvores, sem o que se precipitariam rumo ao vale mais abaixo. Ravinas profundas, desenvolvendo-se em várias direções, davam à cena um caráter de solenidade ainda mais lúgubre.

A plataforma natural sobre a qual estávamos era tão densa de espinhos que, sem a foice, logo vimos que não poderíamos abrir passagem. Júpiter, obedecendo a seu senhor, começou a abrir caminho até o pé de um tulipeiro gigantesco, que, em companhia de oito ou dez carvalhos, sobrepujava-os todos, bem como todas as demais árvores que eu já vira, tanto na beleza da folhagem e da forma, como na extensão dos galhos e na aparência majestosa que, de modo geral, exhibia. Quando chegamos junto a essa árvore, Legrand voltou-se para Júpiter e perguntou se ele era capaz de subir até o cimo. O pobre velho pareceu ligeiramente perturbado com a pergunta e ficou alguns momentos sem responder. Entretanto, aproximou-se do tronco, rodeando-o com atenção. Quando terminou seu exame, disse apenas:

— Sim, “sinhô”. Júpiter ainda não viu árvore que não pudesse subir por ela.

— Então suba, vamos, vamos! Depressa, porque logo vai escurecer.

— Até onde preciso subir, “sinhô”? — perguntou Júpiter.

— Trepe primeiramente pelo tronco acima; depois direi que direção tomar. Ah, um momento! Leve este escaravelho com você.

— O escaravelho, “sinhô” Will? O escaravelho de ouro! — exclamou o negro, recuando com terror. — Por que é preciso

que leve esse escaravelho comigo? Que me leve o diabo se eu fizer isso!

— Jup, se um negro como você, grande e forte, tem medo de tocar um pequeno inseto como este, morto e inofensivo, então pode levá-lo preso a este cordão. Mas se, de qualquer forma, não quiser levá-lo, vou ser obrigado a rachar sua cabeça com esta foice!

— Meu Deus! Que vai fazer, patrão? — retorquiu Júpiter, envergonhado da sua fraqueza. — Sempre arrumando briga com este velho negro... Estava só brincando! *Eu*, ter medo de um escaravelho? Pouco me importo com o escaravelho!

E, com extrema precaução, Júpiter pegou na ponta do cordão e, com o inseto tão afastado quanto possível, pôs-se a trepar pela árvore.

Quando novo, o tulipeiro, ou *Liriodendron tulipiferum*, a mais bela das árvores americanas, tem o tronco singularmente liso e em geral alcança grande altura sem ramos laterais. Mas quando chega à maturidade, a casca se torna rugosa e desigual, e pequenos rudimentos de ramos se manifestam em grande número pelo tronco. Assim, a escalada, nesse caso, era muito mais difícil na aparência do que na realidade. Abraçando firme o enorme tronco com os braços e os joelhos, apoiando as mãos em certas protuberâncias e os dedos nus dos pés em outras, Júpiter, depois de escapar de cair uma ou duas vezes, subiu pelo fuste até o primeiro grande galho, e parecia dar por encerrada sua missão. Com efeito, o principal *risco* de sua empresa tinha sido vencido, embora o bravo negro estivesse a vinte metros do solo.

— Para que lado devo ir agora, “sinhô” Will? — perguntou ele lá de cima.

— Siga sempre pelo galho mais grosso, o deste lado — respondeu Legrand.

O negro obedeceu prontamente; continuou a subir, cada vez mais alto, até que seu vulto mergulhou na espessura da folhagem. Estava agora invisível. Então, sua voz distante perguntou:

— É preciso subir ainda mais?

— A que altura você está? — perguntou Legrand.

— Tão alto, tão alto — respondeu o negro — que posso ver o céu através do cimo da árvore.

— Não se preocupe com o céu; preste atenção ao que digo: examine o tronco e conte os ramos abaixo de você, deste lado. Quantos já passaram?

— Um, dois, três, quatro, cinco. Já passei por cinco ramos grossos, patrão.

— Então, suba ainda mais um.

Ao fim de alguns minutos, sua voz se fez ouvir novamente. Anunciava que atingira o sétimo ramo.

— Agora, Jup — gritou Legrand, preso de grande agitação —, é preciso encontrar um meio de seguir por esse ramo o mais que puder. Se você vir alguma coisa extraordinária, me avise.

Desde esse momento, desapareceram as dúvidas que eu tinha sobre a demência do meu amigo. Não o considere mais senão como ferido de alienação mental; e comecei a inquietar-me seriamente pelo modo de fazê-lo voltar à cabana. Enquanto meditava sobre o que poderia fazer, a voz de Júpiter soou de novo.

— Tenho medo de ir mais longe por este galho; é um galho morto, quase todo ele.

— Você disse que é um galho *morto*, Júpiter? — gritou Legrand com voz trêmula de emoção.

— Sim, patrão, muito, perfeitamente morto!

— Em nome dos céus! Que fazer? — perguntou Legrand, que parecia tomado de verdadeiro desespero.

— Que fazer? — disse eu, satisfeito por encontrar o momento de dizer uma coisa razoável. — Voltar para casa e ir dormir. Vamos! Venha! Seja razoável, meu amigo. Já é tarde, e tenho a sua promessa.

— Júpiter! — exclamou ele, sem me dar a menor atenção.

— Está me ouvindo?

— Sim, “sinhô” Will, ouço perfeitamente.

— Corte a madeira com a faca e diga se ela está muito podre.

— Podre, patrão, bem podre — respondeu logo o negro. —

Completamente podre. Poderia ir um pouco mais longe, mas sozinho...

— Sozinho? O que você quer dizer?

— Sem o escaravelho. É muito pesado, o escaravelho. Se eu o largasse, o galho poderia aguentar bem comigo. Só o meu peso.

— Idiota do Inferno! — gritou Legrand, aparentemente aliviado. — Que tolice é essa? Se deixar cair o inseto, torço seu pescoço! Preste atenção, Júpiter! Está me ouvindo?

— Sim, “sinhô”, não vale a pena maltratar o pobre negro.

— Pois bem, escute-me agora! Se você avançar pelo ramo até onde puder, ganhará de presente um dólar de prata, assim que descer.

— Já me vou pelo galho, “sinhô” Will — respondeu logo o negro. — Estou quase no fim dele!

— *No fim!* — exclamou Legrand, radiante. — Está no fim desse galho?

— Estou no fim, “sinhô”! Oh! Oh! Oh! Senhor Deus! Misericórdia! O que tem aqui nesta árvore?!

— Ah! — gritou Legrand, no cúmulo da alegria. — O que é?

— É só um crânio. Alguém deixou a cabeça aqui na árvore, e os corvos comeram toda a carne!

— Um crânio? Muito bem! Como está preso no galho? O que o segura?

— Oh, preciso ver! Ah! É uma coisa bem esquisita, palavra! É um buraco feito no crânio que o prende ao galho.

— Muito bem, Júpiter. Agora faça o que vou dizer. Está ouvindo?

— Sim, patrão.

— Preste bem atenção! Veja o olho esquerdo da caveira.

— Oh! Oh, é engraçado. Ela não tem olho esquerdo.

— Maldita estupidez! Você sabe distinguir a mão direita da esquerda?

— Sim, sei. Sei tudo isso. A esquerda é a com que racho os paus.

— Sem dúvida, você é canhoto, e seu olho esquerdo está do lado da mão esquerda. Imagino que agora você possa encontrar

o olho esquerdo da caveira, ou o lugar onde foi o olho esquerdo. Achou?

Houve um silêncio. Por fim, o negro perguntou:

— O olho esquerdo é do mesmo lado da mão esquerda do crânio? Mas o crânio não tem mão! Bem, não tem importância, encontrei o olho esquerdo. Eis aqui o olho esquerdo! O que faço agora?

— Deixe passar por ele o escaravelho, tão longe quanto possa ir o cordão. Mas tome cuidado em não largar a ponta do cordão!

— Já o fiz, “sinhô” Will. É muito fácil passar o escaravelho pelo buraco. Vai descendo...

Durante todo o diálogo, Júpiter permanecia invisível, mas o inseto que ele deixava passar aparecia agora na ponta do cordão e brilhava como uma esfera de ouro aos últimos raios do sol poente que nos iluminava ainda um pouco. O escaravelho, descendo, emergia dos ramos, e se Júpiter o largasse, ele cairia aos nossos pés.

Legrand imediatamente tomou a foice e abriu na terra um buraco circular de três ou quatro metros de diâmetro, justamente sob o inseto. Tendo terminado o trabalho, ordenou a Júpiter que largasse o cordão e descesse da árvore.

Com o maior cuidado, meu amigo fixou na terra uma pequena estaca, precisamente no ponto onde caíra o escaravelho, e tirou do bolso uma fita métrica. Prendeu uma ponta na árvore, desenrolou-a até a cavilha, continuou assim a desenrolá-la na direção dada por esses dois pontos (a cavilha e o tronco) até a distância de quinze metros. Durante esse tempo, Júpiter limpava o terreno com a foice. No ponto encontrado, ele fincou outra estaca e, tomando-a como centro, descreveu grosseiramente um círculo de um metro e vinte de diâmetro, mais ou menos. Tomou, então, uma picareta, e entregando outra a Júpiter e outra a mim, nos pediu para cavar o mais rápido possível.

Para falar francamente, não sentia nenhum prazer nesse divertimento, porque a noite descia cada vez mais e me sentia fatigado do exercício que fizera. Mas não havia meio de me subtrair. Admirava a prodigiosa serenidade de meu pobre amigo. Se pudesse contar com a ajuda de Júpiter, não teria dúvida em con-

duzi-lo à força para a cabana. Mas conhecia bem demais o caráter do velho negro para esperar auxílio numa luta pessoal com seu senhor. Não duvidei de que Legrand estava com o cérebro atacado por uma daquelas superstições do Sul relativas a tesouros ocultos, e que essa superstição fora confirmada pelo achado do escaravelho, ou talvez mesmo pela obstinação de Júpiter em sustentar que o escaravelho era de ouro puro. Um espírito fraco poderia bem deixar-se levar por isso — tanto mais se semelhante credence corroborasse ideias preconcebidas de sua predileção. Depois, lembrei-me das palavras de meu amigo sobre o escaravelho ser “indício da sua fortuna”. De modo geral, eu me sentia cruelmente atormentado e embaraçado. Mas, por fim, resolvi fazer da necessidade uma virtude e cavar com vontade para, o mais depressa possível, convencer meu visionário amigo da tolice de sua fantasia.

Acendemos as lanternas e atacamos o trabalho com um zelo que valia bem um objetivo mais racional. E como a luz caía sobre nossas pessoas e nossos utensílios, não pude deixar de pensar que constituíamos um grupo assaz pitoresco e que, se algum estranho nos visse, formularia graves suspeitas sobre nós.

Cavamos rigorosamente durante duas horas. Falávamos pouco. Nosso principal embaraço era causado pelos latidos do cão, que tomava um interesse excessivo pelo trabalho. Depois, tornou-se tão turbulento que receamos que atraísse a atenção de alguém por ali, o que muito preocupava Legrand e o que eu, de minha parte, quase desejava, porque, interrompendo-nos, me permitiria levar meu amigo para casa. Afinal, o caso foi resolvido por Júpiter, que, saltando do buraco com aspecto furioso, amarrou a boca do animal com um dos suspensórios, e voltou triunfante ao trabalho.

Passadas as duas horas, tínhamos atingido uma profundidade de um metro e meio, e nenhum indício de tesouro aparecia. Fizemos uma pausa, e comecei a nutrir esperanças de que a farsa logo terminaria. Entretanto, Legrand, embora desconcertado, limpou a frente com ar pensativo e retomou o trabalho. Nosso buraco já alcançava um metro e vinte de diâmetro. Nada

apareceu. Meu caçador de ouro, que já me fazia piedade, saltou, enfim, do buraco com o mais vivo desapontamento estampado no rosto e começou a vestir o paletó que deixara ali perto. Quanto a mim, procurei nada dizer no momento. Júpiter, a um sinal de seu senhor, começou a juntar as ferramentas. Feito isso, e desamarrada a boca do cão, tomamos o caminho de casa em profundo silêncio.

Tínhamos dado talvez uma dúzia de passos quando Legrand, soltando uma terrível blasfêmia, salta sobre Júpiter e segura-o pela gola do casaco. O negro, estupefato, escancarou os olhos e a boca, largou os utensílios e caiu de joelhos.

— Celerado! — gritava Legrand entre dentes, furioso. — Negro infernal! Peste de negro! Fale! Responde, e não negue! Qual é seu olho esquerdo?

— Ah, misericórdia, “sinhô” Will! Não é este aqui meu olho esquerdo? — gemia Júpiter, colocando a mão no olho direito. E ali a mantinha, com desespero, como se temesse que o patrão fosse arrancá-lo.

— Bem que desconfie! Bem o sabia! Diabo! — vociferou Legrand, soltando o negro e dando uma série de saltos de alegria, para grande espanto do preto, que nos olhava. — Vamos! É preciso voltar. A partida não está perdida! — disse meu amigo, e retomou o caminho para a árvore.

Então, ao chegarmos junto à árvore, ele disse ainda:

— Júpiter, venha aqui! O crânio está com a face para cima ou apoiado no galho?

— A face está para cima, patrão, de modo que os corvos puderam comer os olhos.

— Pois bem. Então, foi por este olho ou por este que você soltou o escaravelho?

Legrand tocava ao mesmo tempo nos dois olhos do negro.

— Por este, “sinhô”, pelo esquerdo. Juro!

E o pobre negro apontava para o olho direito.

— Vamos, vamos! É preciso recomeçar!

Então comecei a ver na loucura de meu amigo certos indícios de método. Ele retirou a estaca do primitivo lugar onde caí-

ra o escaravelho e levou-a uns sete centímetros e meio a oeste da sua primeira posição. Medindo novamente com um cordão, estendeu-o numa linha de quinze metros, até atingir novo ponto, bem distante do lugar onde tínhamos cavado.

Em torno desse centro foi traçado um círculo um pouco maior do que o primeiro, onde nos pusemos a cavar. Eu estava seriamente fatigado; mas, sem perceber o motivo da mudança, não sentia mais tão grande aversão pelo trabalho que me era imposto. Inexplicavelmente interessava-me pelo trabalho, e creio mesmo que me sentia excitado. Talvez houvesse, na extravagante conduta de Legrand, um certo aspecto de deliberação, certo ar profético que me impressionava. Eu cavava com vigor, e por vezes me surpreendia a procurar avidamente com os olhos o imaginário tesouro que transtornara meu pobre amigo. Num desses momentos, quando já tínhamos trabalhado hora e meia, fomos de novo interrompidos pelos furiosos latidos do cão. Sua inquietação, na primeira vez, fora naturalmente o resultado de um capricho ou de uma alegria. Mas agora ele tomava um tom mais violento e mais característico. Como Júpiter procurasse amordaçá-lo, opôs uma resistência furiosa e, pulando para o buraco, se pôs a cavar freneticamente com as patas. Em alguns segundos, tinha deixado a descoberto uma massa de ossos humanos formando dois esqueletos completos, de mistura com muitos botões de metal e qualquer coisa que nos pareceu retalhos apodrecidos de fazenda. Um ou dois golpes de picareta fizeram saltar dali uma enorme faca espanhola; continuamos cavando e encontramos ainda três ou quatro moedas de ouro e de prata.

Vendo isso, Júpiter mal pôde conter sua alegria, mas o rosto de seu senhor exprimia sério desapontamento. Contudo, pediu que continuássemos a cavar, e, apenas ele acabou de falar, eu tropecei em alguma coisa e caí para a frente: o bico de minha bota se prendera num grosso anel de ferro semioculto na terra fresca.

Retomamos o trabalho com novo ardor, e penso que nunca experimentei em dez minutos tamanha excitação. Durante esse

intervalo, desenterramos completamente uma caixa de forma oblonga que, a julgar por sua perfeita conservação e dureza, tinha sido submetida a algum processo de mineralização, talvez por bicloreto de mercúrio. Essa caixa, toda chapeada de ferro, tinha um metro de comprimento por setenta e cinco centímetros de fundo. Dos lados, havia seis anéis de ferro, pelos quais seis pessoas podiam erguê-la. Todos os nossos esforços só conseguiram deslocá-la um pouco. Vimos logo a impossibilidade de carregar tamanho peso. Felizmente, a tampa era segura apenas por dois ferrolhos que, trêmulos e ansiosos, conseguimos fazer correr. No mesmo instante, um tesouro de valor incalculável brilhou, fiscou diante de nós. À luz das lanternas, cintilaram metais e pedras preciosas!

Não tentarei descrever os sentimentos que me assaltaram diante desse tesouro. A estupefação nos dominava. Legrand parecia esgotado pela própria excitação e murmurava rápidas palavras. Quanto a Júpiter, estava tão pálido como podia estar um negro. Parecia fulminado. Logo caiu de joelhos no buraco e mergulhou os braços nus no ouro até o cotovelo, assim deixando-se ficar longo tempo, como se gozasse a volúpia de um banho. Enfim, soltou um suspiro e exclamou, como se falasse para si próprio:

— E tudo isso veio do escaravelho de ouro! O lindo escaravelho de ouro! O pobre escaravelho que eu maldizia, que eu caluniava! Não tem vergonha disso, negro vilão? Hein? Responde!

Foi preciso que eu despertasse, por assim dizer, o senhor e o criado dessa estupefação, dizendo que era necessário levar tudo antes do amanhecer. Não sabíamos que partido tomar e perdemos muito tempo em deliberações, porque tínhamos as ideias em desordem. Finalmente, esvaziamos a caixa, tirando dois terços do seu conteúdo, e tentamos arrancá-la com grande esforço de seu buraco. Os objetos que havíamos tirado foram depositados na relva e confiados à guarda do cão, sob sérias recomendações de Júpiter: o animal não deveria sair dali sob pretexto algum, nem deveria ele abrir a boca. Levando a caixa, pusemo-nos, então, rapidamente a caminho, e chegamos à cabana

sem incidentes, mas muito fatigados, à uma hora da madrugada. Esgotados como estávamos, não pudemos voltar logo ao trabalho. Descansamos até as duas horas; depois, voltamos para a montanha munidos de três grandes sacos. Chegamos ao buraco pouco antes das quatro horas, enchemos os sacos e, sem pensar ao menos em tapar o buraco, pusemo-nos de novo em marcha para casa, onde depusemos pela segunda vez nossos fardos preciosos, justamente quando o dia começava a clarear.

Estávamos absolutamente imprestáveis, mas tão excitados que não podíamos repousar. Após um sono inquieto de três ou quatro horas, levantamo-nos, como se houvéssemos combinado antes, para procedermos a um exame do nosso tesouro.

A caixa fora cheia até as bordas, e passamos todo o dia e grande parte da noite a inventariar tudo aquilo. Não havia nenhuma ordem no trabalho; tudo estava empilhado à toa. Quando pudemos fazer uma classificação geral, encontramos na posse de uma fortuna que ultrapassava todas as nossas suposições. Haveria ali, em espécie, mais de quatrocentos e cinquenta mil dólares, estimando o valor pelas cotações daquela época, o mais rigorosamente possível. Em tudo isso, nenhuma parcela de prata. Tudo era ouro antigo, de grande variedade; dinheiro francês, espanhol e alemão, alguns guinéus ingleses e moedas que não conhecíamos, peças grandes e pesadas, tão gastas que não podíamos decifrar as inscrições. Nenhum dinheiro americano. Quanto à avaliação das joias, o caso era mais difícil. Encontramos diamantes, alguns deles belíssimos e de tamanho singular — ao todo, cento e dez, e nenhum pequeno; dezoito rubis de um brilho notável; trezentas e dez esmeraldas, todas admiráveis; vinte e uma safiras e uma opala. Todas essas pedras tinham sido arrancadas de seus encaixes e lançadas na caixa, aos montes, de mistura. Quanto às joias de ouro, pareciam terem sido amassadas a martelo, para não serem reconhecidas. Além disso, havia enorme quantidade de ornamentos em ouro maciço; quase duzentos brincos; belas correntes, em número de trinta, se não me falha a memória; oitenta e três crucifixos grandes e pesados; cinco incensadores de ouro de alto preço; dois punhos de espada

maravilhosamente trabalhados, e um número incontável de pequenos objetos dos quais já perdi a lembrança. O peso desses valores ia a quase cento e sessenta quilos, e nessa estimativa omiti cento e oitenta e sete relógios de ouro realmente soberbos, dos quais três valiam, cada qual, quinhentos dólares. Muitos eram velhos, sem nenhum valor, como peças de relojoaria, parados e imprestáveis no que dizia respeito ao funcionamento, mas todos ornados de pedrarias. Avaliamos, nessa noite, o conteúdo total da caixa em um milhão e meio de dólares. E, mais tarde, depois de novos exames, compreendemos que tínhamos dado a tudo uma valorização muito baixa. Guardamos para nosso uso pessoal vários objetos preciosos.

Quando, afinal, terminamos o inventário e conseguimos acalmar nossa exaltação, Legrand, que me via morto de impaciência por obter a solução desse prodigioso enigma, explicou-me então o caso com todas as minúcias, discorrendo sobre as circunstâncias que terminaram no descobrimento do tesouro.

— Você se lembra — disse ele — da noite em que lhe mostrei o esboço grosseiro que fiz do escaravelho? Lembra-se também de como fiquei chocado com sua insistência em dizer que meu croqui se parecia com uma caveira? Da primeira vez que você disse isso, tomei-o como um gracejo; depois, lembrei-me das manchas negras do dorso do inseto e reconheci, eu próprio, que sua ideia tinha fundamento. Todavia, suas ironias a respeito do meu modo de desenhar me irritaram, porque me julgo um artista passável. Por isso, quando me devolveu o pergaminho, tive vontade de rasgá-lo e atirá-lo ao fogo.

— Você se refere ao pedaço de papel? — repliquei.

— Não, ele tinha toda a aparência de papel, e eu mesmo, a princípio, supus que o fosse. Mas, ao desenhar de novo, descobri logo que era um pedaço de pergaminho bem fino. Estava muito sujo, como você deve se recordar. No próprio instante em que ia desenhar, meus olhos caíram sobre o desenho que você tinha visto, e pude perceber qual tinha sido minha perturbação quando vi a imagem fiel de uma caveira onde julguei ter desenhado um escaravelho. Durante um momento, me senti muito

aturdido para poder pensar com clareza. Sabia que meu croqui era diferente desse novo desenho, em todos os seus pormenores, embora houvesse certa analogia no esboço geral. Tomei, então, um candeeiro e, sentando-me no outro canto do aposento, procedi a uma análise mais atenta do pergaminho. Voltando-o na mão, vi meu próprio esboço pelo reverso, tal como eu o tinha feito. Minha primeira impressão foi simplesmente de surpresa. Havia uma semelhança realmente notável no contorno, e era uma coincidência singular esse crânio surgido do outro lado do meu desenho, desconhecido para mim — e um crânio que se parecia exatamente com meu esboço, não só no contorno, como no tamanho. Disse-lhe que essa singularidade de meu desenho me perturbou por um instante. É o efeito comum dessas espécies de coincidências. O espírito se esforça por estabelecer uma relação, uma ligação de causa e efeito e, vendo-se impotente para conseguir compreender, sente uma espécie de paralisia momentânea. Mas, quando voltei desse estupor, fui adquirindo aos poucos uma convicção que me impressionou mais do que essa coincidência. Comecei a me lembrar distintamente que não havia nenhum desenho no pergaminho antes do meu escaravelho. Adquiri a certeza perfeita, porque me lembrava de tê-lo voltado de ambos os lados para, só então, fazer meu desenho num lugar limpo. Se o crânio fosse visível, eu o teria notado logo. Havia ali um mistério que não podia descobrir; mas, no meu cérebro, havia uma espécie de luz nova, singular concepção embrionária da verdade, da qual nossa aventura nos forneceu esplêndida demonstração. Guardei meu pergaminho, decidido a esperar por um momento em que estivesse sozinho, para aí poder me entregar inteiramente à reflexão. Então, quando você se retirou, e mal Júpiter adormeceu, entreguei-me a uma investigação um pouco mais metódica do caso. Antes de tudo, queria saber de que modo esse pergaminho viera às minhas mãos. O lugar onde descobrimos o escaravelho estava ao lado do continente, mais ou menos um quilômetro e meio a leste da ilha, e uma pequena distância acima do nível da maré alta. Quando encontrei o escaravelho, ele me mordeu com tanta força que fui

obrigado a largá-lo. Júpiter, com sua prudência habitual, antes de apanhar o inseto, que caíra do seu lado, procurou em redor uma folha ou qualquer coisa parecida para o pegar. Foi nesse momento que seus olhos e os meus caíram sobre o pedaço de pergaminho, que então tomei por papel. Estava meio enterrado na areia, com uma ponta para cima. Perto do lugar onde nos encontrávamos, observei os restos da carcaça de um grande navio, destroços de naufrágio pelo que pude julgar no momento. Esses restos estavam ali provavelmente havia muito, porque mal se percebia a vaga forma do esqueleto de um navio. Júpiter, pois, tomou o pergaminho, com ele envolveu o inseto e me entregou o embrulho. Pouco depois, retomamos o caminho da cabana e encontramos o tenente G... Mostrei-lhe o inseto, e ele pediu-me para mostrá-lo no forte. Consentí, e ele o pôs no bolso do colete, sem o pergaminho que o envolvia e que eu conservara na mão, enquanto ele examinava o escaravelho. Receando talvez que eu mudasse de ideia, ele julgou prudente guardá-lo logo no bolso. O tenente é um apaixonado da história natural e de tudo com que ela se relaciona. É evidente que, sem pensar no que fazia, pus o pergaminho no bolso. Você se recorda que, quando me sentei à mesa para fazer o croqui do escaravelho, não encontrei papel no lugar onde regularmente o tinha. Procurei na gaveta, e nada também. Procurei nos bolsos, esperando encontrar alguma velha carta, quando meus dedos tocaram no pergaminho. Explico minuciosamente toda a série de circunstâncias, porque todas elas se fixaram vivamente em meu espírito. Sem dúvida nenhuma, você há de considerar-me um sonhador, mas eu já tinha estabelecido uma espécie de conexão; tinha unido dois elos de uma grande cadeia. Um navio naufragado na costa e, não longe desse navio, um pergaminho trazendo a figura de um crânio. Naturalmente, você há de perguntar onde está a relação entre as duas coisas. Responderei que o crânio ou caveira é o emblema bem conhecido dos piratas. Em suas batalhas, sempre içavam um pavilhão onde se via uma caveira. Já lhe disse que era um pedaço de pergaminho, e não de papel. O pergaminho é uma coisa durável, quase imperecível. Devido a esse fato, con-

fia-se ao pergaminho coisas de alta importância, que não se confiaria ao papel. Essa reflexão induziu-me a pensar que aquela caveira deveria ter alguma significação especial, algum sentido singular. Reparei na *forma* do pergaminho, que, apesar de ter um lado destruído por qualquer acidente, bem demonstrava ter tido forma oblonga. Era, pois, o tipo de formato que alguém escolheria para escrever, para consignar um documento importante, uma nota que desejasse conservar por muito tempo e cuidadosamente.

— Mas — interrompi — você disse que o crânio não estava no pergaminho quando desenhou o escaravelho. Como pôde, então, estabelecer uma relação entre o navio e o crânio, já que este último, conforme sua própria confissão, foi desenhado — Deus sabe como e por quem! — posteriormente ao escaravelho?

— Ah! É sobre isso que gira todo o mistério, embora eu tenha tido pouco trabalho em resolver esse ponto do enigma. Meu caminho era seguro e não podia me levar senão a um resultado. Raciocinei assim, por exemplo: quando desenhiei um escaravelho, não havia traços de crânio no pergaminho; quando acabei meu desenho, passei-o a você e não o perdi de vista até que você o devolvesse para mim. Consequentemente, não foi você quem desenhou o crânio, e não havia outra pessoa para fazer isso. Não tinha sido, pois, criado por ato humano; e todavia ali estava ele, sob os meus olhos! Cheguei a esse ponto de minhas reflexões e recordei-me de todos os incidentes anteriores com perfeita exatidão. A temperatura estava fria — oh! o feliz, o raro incidente! — e um bom fogo ardia na lareira. Eu estava bastante aquecido para poder trabalhar e sentei-me perto da mesa. Você, no entanto, chegou sua cadeira para perto do fogo, e justamente no momento em que lhe pus o pergaminho na mão, Wolff, meu cão terra-nova, entrou e saltou para seus joelhos. Você acariciou-o com a mão esquerda e procurou afastá-lo, deixando pender a mão direita, a que segurava o pergaminho, entre os joelhos, bem perto do fogo. Julguei, no momento, que a chama o iria atingir, e ia dizer-lhe para tomar cuidado; mas, antes que eu falasse, você o retirou e se pôs a examinar o

desenho. Quando compreendi todas essas circunstâncias, não duvidei um só instante de que o *calor* tinha sido o agente que fez aparecer sobre o pergaminho o crânio desenhado, que você viu tão nitidamente. Desde velhos tempos, bem o sabe você, existem preparações químicas por meio das quais se pode escrever, sobre papel ou velino, caracteres que se tornam visíveis pela ação do calor. Emprega-se, às vezes, o cobalto dissolvido em água real quatro vezes além do seu peso. Dá uma tinta verde. O óxido do cobalto, dissolvido em espírito de nitro, dá uma cor rubra. Essas cores desaparecem mais ou menos logo que esfrie o material sobre o qual se escreveu, mas reaparecem quando ele é aquecido. Examinei então a caveira com o maior cuidado possível. Os contornos exteriores, isto é, os mais próximos do bordo do pergaminho, eram muito mais vivos que os outros. Evidentemente, a ação do calor tinha sido imperfeita ou desigual. Avivei mais o fogo e submeti cada parte do pergaminho à ação do calor. Primeiramente, acentuaram-se as linhas um pouco pálidas do crânio; mas, continuando a experiência, vi aparecer, a um canto, no canto diagonalmente oposto ao que estava a caveira, uma figura que supus ser a de uma cabra. Mas, a um exame mais lento, me convenci de que representava um cabrito.*

— Ha! Ha! — exclamei. — Não tenho o direito de zombar de você! Um milhão e meio de dólares! É coisa muito séria para permitir uma zombaria. Mas não vá acrescentar mais um elo à sua cadeia. Não encontrará aí nenhuma relação especial entre os piratas e uma cabra. Você bem sabe: os piratas não tinham nada a ver com cabras. Isso pertence aos fazendeiros, aos criadores...

— Mas acabo de dizer-lhe que a figura não era de uma cabra.

— Ou cabrito, que seja! É quase a mesma coisa...

— Quase, mas não de todo — disse Legrand. — Você já ouviu falar de certo *capitão* Kidd. Considerei logo a figura desse animal como uma espécie de assinatura logográfica ou hieroglífica. Digo assinatura porque o lugar onde ela estava sugeria essa

* Em inglês, "kid". (N. T.)

ideia. Quanto à caveira, colocada no canto oposto, tinha o aspecto de um sinete. Mas fiquei profundamente desconcertado com a ausência do resto, do corpo em si do documento, do texto do pergaminho.

— Presumo que esperava encontrar uma carta entre o timbre, o sinete e a assinatura.

— Qualquer coisa desse gênero. O fato é que me sentia irresistivelmente tomado do pressentimento de uma imensa sorte iminente. Por quê? Não sei dizer. Afinal, talvez fosse mais um desejo do que uma crença positiva. Mas, creia-me que o absurdo do Júpiter, dizendo que o escaravelho era de ouro puro, teve notável influência sobre minha imaginação! E, além disso, essa série de coincidências era *tão* extraordinária! Já reparou como tudo isso foi fortuito? Tudo aconteceu num só dia, no *único* dia do ano em que o frio demandou o fogo da lareira; e houve a intervenção do cão no momento preciso. Sem uma coisa nem outra, eu não teria descoberto a caveira, nem jamais seria possuidor desse tesouro!

— Vamos! Vamos! Estou em brasas!

— Pois bem; você conhece uma imensidade de histórias que correm, de milhares de rumores vagos relativos aos tesouros escondidos na costa do Atlântico por Kidd e seus asseclas? Afinal, todos esses rumores deviam ter algum fundamento. Eles duraram tanto tempo e circularam com tanta persistência que pensei, então, que o tesouro devia existir e estar *oculto em algum lugar*. Se Kidd tivesse desenterrado o tesouro, esses rumores teriam se extinguido. Observe que as histórias falam de caçadores, e não de descobridores de tesouros. Se o pirata tivesse retomado seu dinheiro, o assunto teria sido esquecido. Pareceu-me que algum acidente, a perda do roteiro, por exemplo, o impediu de reaver o tesouro. Suponho que esse acidente tenha chegado ao conhecimento de seus companheiros, que não sabiam onde estava o tesouro e que, após pesquisas inúteis, sem rumo e sem indicações precisas, deram nascimento a esse rumor universal e a essas lendas tão vulgares. Já ouviu falar de algum grande tesouro que tenha sido desenterrado no litoral?

— Nunca.

— Ora, é notório que Kidd acumulou imensas riquezas. Julguei, pois, como coisa certa que a terra as guardava ainda; e não se perturbe se eu lhe disser que sentia em mim uma esperança — uma esperança que ia quase à certeza: a de que o pergaminho, tão singularmente encontrado, continha a indicação do lugar onde estava essa riqueza!

— E como procedeu você, então?

— Expus de novo o pergaminho ao calor, depois de ter aumentado o fogo, mas nada apareceu. Pensei que a camada de sujeira pudesse, talvez, ser a causa do insucesso. Assim, limpei cuidadosamente o pergaminho, deitando-lhe por cima água quente; depois o meti numa caçarola, com a caveira para baixo, e pus a caçarola sobre carvões em brasa. Ao fim de alguns minutos, a caçarola estava aquecida. Retirei o pergaminho e constatei, com inexprimível alegria, que ele estava marcado em alguns lugares com sinais que pareciam números colocados em linha. Deixei-o mais um pouco na caçarola, durante um minuto, e quando o retirei, estava como vai vê-lo.

Aqui, Legrand, tendo novamente aquecido o pergaminho, submeteu-o ao meu exame. Os caracteres seguintes apareceram em vermelho, grosseiramente traçados entre a caveira e o cabrito:

53‡‡‡305))6*;4826)4‡.)4‡);806*;48†8¶(60))85;
1‡ (;:‡*8†83(88)5*†;46(;88*96*?;8)*‡(;485);5*†2:
*‡(;4956*2(5*— 4)8¶8*;4069285);6†8)4‡‡;1(†9;48
081;8;8‡1;48†85;4)485†528806*81(†9;48;(88;4(‡?34
;48)4‡;161;:188;‡?;

— Mas — disse eu, devolvendo o pergaminho — não vejo nada claro. Se todos os tesouros de Golconda dependessem de sinais assim, eu com certeza os perderia!

— No entanto — disse Legrand —, a solução não é tão difícil como se imagina à primeira vista. Esses caracteres, como se poderia adivinhar facilmente, formam uma cifra, isto é, apresen-

tam um sentido; mas, conforme o que sabemos sobre Kidd, eu não devia supor que ele fosse capaz de fabricar uma criptografia tão estranha. Julguei, pois, logo de início, que essa era de uma espécie simples, mas que, para a inteligência grosseira de um pirata, pareceria absolutamente insolúvel sem uma chave decifradora.

— E você, de fato, conseguiu decifrá-la?

— Muito facilmente. Tenho decifrado outras, mil vezes mais difíceis e complicadas. As circunstâncias e uma certa inclinação de espírito me têm levado a tomar interesse por esses enigmas, e é realmente improvável que o engenho humano possa criar um enigma que ele próprio não possa, com empenho, solucionar. Assim, uma vez que consegui estabelecer uma série de caracteres legíveis, apenas pensei nas dificuldades da significação. No caso atual — e, em suma, em todos os casos de escrita secreta —, a primeira coisa a concluir é a *língua* do código, porque os princípios da solução, sobretudo quando se trata de caracteres mais simples, dependem do gênio de cada idioma, e podem ser modificados. Em geral, não há outro meio senão tentar a adaptação de línguas conhecidas, até chegar à que dê melhor interpretação ao caso. Mas, nesses caracteres de que nos ocupamos, toda dificuldade estava resolvida pela assinatura. O trocadilho com a palavra “Kidd” só é possível se fazer na língua inglesa. Sem essa circunstância, eu teria começado meus ensaios pelo espanhol e pelo francês, como sendo a língua que um pirata destes mares teria de usar para qualquer coisa secreta dessa natureza. No caso, porém, presumi que o criptograma era em inglês. Note que não há espaços entre as palavras. Se houvesse espaços, a tarefa teria sido bem mais fácil. Eu teria começado por fazer uma coleção e uma análise das palavras mais curtas, e, se tivesse encontrado, como é sempre provável, uma palavra de uma só letra, *a* ou *I* (ou seja, “um” ou “eu”), por exemplo, teria considerado assegurada a solução. Mas, desde que não havia espaços, meu primeiro dever era salientar as letras predominantes, assim como as que encontrasse mais raramente. Contei todas elas e formei este quadro estatístico:

O caractere	8	ocorre	33 vezes
“ “	;	“	26 “
“ “	4	“	19 “
Os caracteres	‡)	ocorrem	16 “
O caractere	*	ocorre	13 “
“ “	5	“	12 “
“ “	6	“	11 “
Os caracteres	† 1	ocorrem	8 “
O caractere	0	ocorre	6 “
Os caracteres	9 2	ocorrem	5 “
“ “	: 3	“	4 “
O caractere	?	ocorre	3 “
“ “	¶	“	2 “
Os caracteres	— .	ocorrem	1 vez

Ora, a letra que se encontra mais frequentemente em inglês é o *e*. As outras se sucedem nesta ordem: *a o i d b n r s t u y c f g l m w b k p q x z*. O *e* predomina tão singularmente que é raro se encontrar uma palavra de certo tamanho em que ele não entre como letra principal. Temos, pois, para começar, uma base de operações que dá alguma coisa mais do que uma simples conjectura. O uso geral que se pode fazer dessa tabela é evidente, mas, nesse caso, ele nos seria de pouca utilidade. Sendo o nosso caractere dominante o “8”, começaremos por torná-lo o *e* do alfabeto. Para verificar essa suposição, vejamos se o “8” se encontra duplo, porque o *e* se duplica muito em inglês, como por exemplo nas palavras: *meet, fleet, speed, seen, been, agree* etc. Ora, no caso presente, vemos que ele dobra cinco vezes, embora seja curto o criptograma. Assim, o “8” representará o *e*. Agora, de todas as *palavras* da língua, *the* é a mais usada. Consequentemente, é preciso verificar se encontraremos essa combinação de três letras repetidas, com o “8” no fim das três. Se encontrarmos repetições desse gênero, elas representarão muito provavelmente a palavra *the*. Feita a verificação, encontramos 7, e os caracteres são ao todo 48. Podemos, pois, supor que o sinal “;” representa *t*; que “4” representa *b* e que “8” re-

presenta *e* — o que fica, de novo, confirmado. Demos, pois, um grande passo no caminho da decifração. Determinamos apenas uma palavra, mas essa única nos permite estabelecer um ponto muito mais importante, isto é, os começos e as terminações de outras palavras. Vejamos, por exemplo, o penúltimo caso onde se apresenta a combinação “;48”, quase no fim do código; sabemos que o “;” imediatamente após é o começo de uma palavra *e*, dos seis caracteres que seguem esse *the*, conhecemos nada menos que cinco. Substituamos, pois, esses caracteres pelas letras que eles representam, deixando um espaço para o desconhecido:

t eeth

Devemos primeiramente separar o *th* como não podendo fazer parte da palavra que começa pelo primeiro *t*, pois vimos, experimentando sucessivamente todas as letras do alfabeto para preencher a lacuna, que é impossível formar uma palavra que parta de *th*. Reduziremos, então, nossos caracteres a:

t ee

E, retomando todo o alfabeto, se necessário, encontraremos a palavra *tree* (árvore) como sendo a única versão possível. Ganhamos, assim, uma nova letra, *r*, representada por “(”, e duas palavras justapostas: *the tree* (a árvore). Um pouco mais adiante, reencontramos a combinação “;48”, servindo-nos como terminação à precedente. Isso nos dá a fórmula seguinte:

the tree ;4(‡? 34 the

Ou, substituindo as letras naturais pelos caracteres que já conhecemos:

the tree thr‡?3h the

Agora, se substituirmos os caracteres desconhecidos por pontos, teremos:

the tree thr...h the

E a palavra *through* (“através”) faz-se logo evidente. Assim, essa descoberta nos dá três letras a mais, *o*, *u* e *g*, representadas por “‡”, “?” e “3”. Agora, procurando atentamente no criptograma combinações de caracteres conhecidos, encontraremos, não longe do começo, o arranjo seguinte:

83(88, ou *egree*

O que é evidentemente a terminação da palavra *degree* (“grau”), e nos dá ainda uma letra, *d*, representada por †. Quatro letras adiante dessa palavra *degree*, encontramos a combinação:

;46(;88

Dela, traduziremos os caracteres já conhecidos, representando o desconhecido por um traço. Isso nos dá:

th—rtee

A combinação nos sugere imediatamente a palavra *thirteen* (“treze”), e nos fornece duas letras novas, *i* e *n*, representadas por “6” e por “*”. Voltemos agora ao começo do criptograma, e encontraremos a combinação:

53‡††

Traduzindo-a, como já fizemos, obteremos isto:

—*good*

O que mostra que a primeira letra é um *a*, e que as duas primeiras palavras são *a good* (“um bom”, “uma boa”). É tempo, agora, para evitar confusão, de dispor as normas descobertas sob forma de quadro. Isso nos dará um começo de chave:

5	<i>representa</i>	a
†	“	d
8	“	e
3	“	g
4	“	h
6	“	i
*	“	n
‡	“	o
(“	r
;	“	t
?	“	u

Assim, temos dez letras, as mais importantes, e é inútil prosseguirmos na solução por intermédio de todas essas miudezas. Já lhe disse que os sinais desse gênero são fáceis de decifrar, e dei-lhe um meio explicativo e prático de resolvê-lo, mas fique certo de que o espécime que temos aqui é de categoria das mais simples em criptografia. Resta-me apenas dar-lhe a tradução completa do documento, como se tivéssemos decifrado, sucessivamente, os caracteres. Ei-lo:

*A good glass in the bishop's hostel in the devil's seat forty-one degrees and thirteen minutes northeast and by north main branch seventh limb east side shoot from the left eye of the death's head a bee-line from the tree through the shot fifty feet out.**

* Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo vinte e um graus e treze minutos nordeste quarto de norte principal tronco sétimo ramo do lado leste descer do olho esquerdo da caveira uma linha de prumo da árvore através da bala cinquenta pés ao largo. (N. T.)

— Mas — disse eu — o enigma parece-me agora tão difícil quanto no princípio. Como pôde tirar um sentido qualquer de todo esse palavrório sobre “cadeira do diabo”, “caveira” e “hotel do bispo”?

— Concordo — replicou Legrand — que o caso tem um aspecto incompreensível à primeira vista. Meu primeiro cuidado foi tentar encontrar na frase as divisões naturais que estavam no espírito de quem as escreveu.

— A pontuação, é o que quer dizer?

— Ou coisa parecida.

— Mas, com o diabo, como pôde fazer isso?

— Refleti que o escritor *decidiu* juntar suas palavras sem nenhuma divisão, esperando assim tornar a solução mais difícil. Ora, um homem que não seja excessivamente hábil está predisposto, numa tentativa dessas, a ultrapassar o limite. Quando, no decorrer de sua composição, ele chega a uma interrupção de sentido que pediria naturalmente uma pausa ou ponto, está fatalmente inclinado a inserir mais caracteres do que seria usual. Examine este manuscrito, e você descobrirá com facilidade cinco pausas desse gênero, em que os caracteres se acumulam em número excessivo. Seguindo esses indícios, estabeleci a seguinte divisão:

*A good glass in the bishop's hostel in the devil's seat — forty-one degrees and thirteen minutes — northeast and by north — main branch seventh limb east side — shoot from the left eye of the death's-head — a bee-line from the tree through the shot fifty feet out.**

— Malgrado sua divisão, continuo no escuro, sem nada perceber.

* Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo — vinte e um graus e treze minutos — nordeste e quarto de norte — principal tronco sétimo ramo lado leste — descer do olho esquerdo da caveira — uma linha de prumo da árvore através da bala cinquenta pés ao largo. (N. T.)

— Também fiquei assim durante alguns dias — replicou Le-grand. — Durante esse tempo, fiz apuradas pesquisas pelas vizinhanças da ilha de Sullivan, à procura de um edifício que devia chamar “Hotel do Bispo”, porque não me inquietei com a velha ortografia do pergaminho, que diz *hostel* (estalagem). Não tendo encontrado nenhum indício, estava prestes a ampliar meu universo de pesquisa e proceder de uma maneira mais sistemática, quando uma manhã compreendi que esse “Bishop’s Hostel” poderia bem ter relação com uma velha família de nome *Bessop*, que desde tempos imemoriais detinha a posse de um antigo solar, uns seis quilômetros ao norte da ilha. Tinha, pois, um indício, e recommencei minhas pesquisas entre os negros mais velhos desse lugar. Enfim, uma das mulheres, das mais velhas, me disse que tinha ouvido falar de um lugar assim como *Bessop’s Castle* (ou “castelo de Bessop”), aonde me poderia levar, mas que não havia nem castelo nem albergue, e sim um grande rochedo. Prometi pagar bem, caso ela me guiasse até o rochedo, e, após alguma hesitação, ela consentiu em me acompanhar. Nós o descobrimos sem grandes dificuldades, nesse mesmo dia, e comeci a examinar o local. O “castelo” consistia numa reunião irregular de picos e rochedos, dos quais um era muito notável pela altura, pelo isolamento e pela configuração quase artificial. Subi ao cimo e lá me senti muito embaraçado pelo que deveria fazer depois. Enquanto cismava, meus olhos caíram sobre uma estreita saliência na face oriental do rochedo, um metro, mais ou menos, abaixo da ponta onde me encontrava. Essa saliência se projetava a cerca de meio metro de altura, e não tinha mais de trinta centímetros de largura. Um nicho, cavado no pico, bem em cima, lhe dava grosseira semelhança com as cadeiras de dorso côncavo de que se serviam os nossos antepassados. Não duvidei que isso fosse a cadeira do diabo, da qual o manuscrito fazia menção, e pareceu-me que já tinha resolvido o segredo do enigma. O “bom vidro”, eu sabia, não podia significar senão um “óculo de alcance”, porque nossos marinheiros empregam raramente a palavra *glass* com outro sentido. Compreendi em seguida que era preciso usar um óculo de alcance e voltá-lo para um

ponto definido, que *não admitia variação*. Ora, as frases “quarenta e um graus e treze minutos — nordeste e quarto de norte”, não hesitei um instante em acreditar, deviam dar a direção para apontar o óculo. Fortemente impressionado com todas essas descobertas, precipitei-me para casa, consegui um óculo de alcance e voltei ao rochedo. Deslizei pela saliência e percebi que só podia sentar-me ali em determinada posição. Esse fato confirmou minhas conjecturas. Pensei, então, em me utilizar do óculo. Naturalmente, os *quarenta e um graus e treze minutos* só podiam ser traçados acima do horizonte sensível, pois a direção horizontal estava claramente indicada pelas palavras *nordeste e quarto de norte*. Estabeleci essa direção por meio de uma bússola portátil. Depois, apontando o mais exatamente possível, por aproximação, o meu óculo a um ângulo de quarenta e um graus de elevação, pus-me a movê-lo com precaução de cima para baixo e de baixo para cima, até que minha atenção foi atraída por uma espécie de buraco circular na folhagem de uma grande árvore que domina todas as que ali se avistam. No centro desse buraco percebi um ponto branco, mas não pude descobrir logo o que era. Depois de ter ajustado o foco de meu óculo, olhei de novo, e me assegurei de que era um crânio humano! Depois dessa descoberta, que me encheu de contentamento, considerei o enigma resolvido, porque a frase “principal tronco sétimo ramo lado leste” só podia referir-se à posição do crânio na árvore, e “descer do olho esquerdo da caveira” só admitia uma interpretação, pois que se tratava de indicar um tesouro oculto. Compreendi que era preciso deixar cair um peso (ou uma “bala”) pelo olho esquerdo do crânio, e que então uma linha de prumo, ou, em outros termos, uma linha reta partindo do ponto mais próximo do tronco e se estendendo por quinze metros (cinquenta pés) *através do peso*, isto é, além do ponto onde cairia o peso, indicaria o local preciso. E nesse local, seria ao menos *provável* que estivesse enterrado algo de valor.

— Tudo isso — disse eu — é excessivamente claro e, ao mesmo tempo, engenhoso, simples e explícito. E quando deixou o “Hotel do Bispo”, o que você fez?

— Tendo cuidadosamente marcado minha árvore, voltei para a cabana. Apenas deixei a “cadeira do diabo”, o buraco circular desapareceu, e para qualquer lado que me voltasse era impossível vê-lo. O que me pareceu a chave-mestra de engenhosidade em todo esse negócio foi o fato (repeti a experiência e vi que *era* um fato) de que a abertura circular em questão só é visível em um ponto, e esse único ponto de visão é a estreita saliência no flanco do rochedo. Nessa expedição ao “Hotel do Bispo”, eu fora acompanhado por Júpiter, que observava desde algumas semanas meu aspecto preocupado e tinha muito cuidado em não me deixar só. Mas, no dia seguinte, levantei-me de madrugada e, disposto a escapar-lhe, corri para a montanha à procura de minha árvore. Após muito trabalho, consegui encontrá-la. Quando voltei para casa, à noite, meu criado estava disposto a me dar uma sova. O restante dessa história, creio, você o conhece tão bem quanto eu.

— Suponho — disse eu — que você errou o ponto na primeira tentativa, quando Júpiter deixou cair o escaravelho pelo olho direito do crânio, em vez do olho esquerdo.

— Justamente. Isso fez uma diferença superior a seis centímetros em relação ao peso, isto é, à posição da cavilha perto da árvore. Se o tesouro estivesse no local marcado pelo “peso”, esse erro não teria importância; mas o “peso” e o ponto mais próximo da árvore serviam apenas para estabelecer uma linha de direção. Naturalmente, o erro, pequeno no começo, aumentaria em proporção quinze metros adiante e nos desviaria do local. Não fosse por minha ideia fixa, teríamos perdido o tesouro escondido.

— Mas a sua ênfase; suas atitudes solenes balançando o escaravelho! Quantas coisas bizarras! Julguei-o positivamente um louco. E por que quis deixar cair do crânio esse inseto, em vez de um peso?

— Por Deus! Para ser franco, confesso que me senti um tanto acabrunhado com suas suposições sobre meu estado de espírito e resolvi puni-lo em silêncio, a meu modo, com essa pequenina mistificação! Eis porque balançava o escaravelho, e eis

porque queria vê-lo cair do alto da árvore. Uma observação que você me fez sobre seu peso singular me trouxe essa ideia.

— Sim, compreendo. Agora só há um ponto que me embaraça. Como explicar os esqueletos que encontramos no buraco?

— Ah! É uma pergunta que não posso responder melhor do que você. Só vejo uma maneira viável para explicá-la, e minha hipótese implica uma atrocidade tal que é horrível de acreditar. É claro que Kidd — se foi Kidd quem escondeu o tesouro, do que não duvido —, é claro que ele precisou de ajudantes para seu trabalho. Mas, terminada a tarefa, julgou conveniente fazer desaparecer todos os que soubessem do segredo. Dois bons golpes de picareta devem ter sido suficientes, enquanto seus ajudantes estavam no buraco; talvez tenham sido necessários uns doze. Quem é que poderá nos dizer?

“*The gold-bug*”, 1843